

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro - SP, Brasil)

Música Chama / Eduardo Guerreiro B. Losso,  
Pedro Sá Moraes [orgs.]  
Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2016.

Apoio: FAPERJ. ISBN 978-85-64022-86-7

1. Música brasileira 2. Música contemporânea brasileira
3. Coletivo Chama

16-09285

CDD-709.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Música contemporânea brasileira 709.81

**SEÇÃO 4: ENTREVISTAS COM O CHAMA 128**

**ENTREVISTA COM PEDRO SÁ MORAES 130**

**ENTREVISTA COM THIAGO AMUD 139**

**SEÇÃO 5: OUTRAS REFLEXÕES 148**

**ESTRANHAS DELÍCIAS -  
DA LITERATURA AO ROCK,  
DA ÉTICA À ESTÉTICA 150**

**NARCISISMO, AMBIÇÃO  
ARTÍSTICA E MERCADO 155**

**CONVERSA COM FABIO  
AKCEL RUD DURÃO 164**

**INDÚSTRIA CULTURAL E  
DÉFICIT DE ATENÇÃO 174**



# Conversa com Fabio Akcelrud Durão

EDUARDO GUERREIRO BRITO LOSSO E THIAGO AMUD

**THIAGO AMUD** Em primeiro lugar, quero, em nome do Coletivo Chama, agradecer imensamente por você ter topado estar nessa conosco, Fabio.

**FABIO AKCELTRUD DURÃO** Eu é que agradeço. Fiquei bem contente com a possibilidade dessa conversa. Muitas vezes me ocorre que vivemos num momento cultural estranho. Se por um lado eventos de todos os tipos multiplicam-se, por outro, junto com toda essa efervescência, parece haver um isolamento maior do que antes. A imagem que me vem à cabeça é quase cômica: como se cada um só quisesse falar para um público que na realidade não existe, porque é feito de pessoas que não estão a fim de ouvir. Como se fosse uma feira sem fregueses. Talvez esse fosse até um bom ponto para começar: como a interlocução em torno da cultura foi dificultada pela lógica da propaganda – neste caso, a propaganda de si –, cada pessoa é como uma nanoempresa de si mesmo.

**TA** Então está posta a questão. Afinal, parece que um debate sobre a cultura hoje é desacreditado por parecer que “cultura” é algo restrito ao domínio do “gosto”, no sentido do “juízo de prazer”, não é?

**FAD** Isso. E é interessante refletir sobre as *funções* que essa postura gera e o contexto no qual está inserida. A cultura como âmbito restrito ao gosto é algo que associa, primeiramente, à esfera privada, e, em seguida, ao universo do prazer fácil. Muitas vezes o recurso ao gosto é um gesto defensivo diante de algo diferente ou estranho. Como quando você está analisando um poema na sala de aula, e o aluno diz: “Cada um tem a sua interpretação.” Ao falar isso, ele provavelmente quer dizer: “Isso que você está discutindo me incomoda.” Por outro lado, o “juízo de prazer” pressupõe que a cultura é algo a ser consumido como uma mercadoria que se oferece a você. É muito mais interessante pensar a cultura como algo que desloca

a ideia de dificuldade, que está ligada ao sofrimento. Os textos que valem a pena, quase que por definição, dão trabalho e, ao mesmo tempo, são prazerosos – dão prazer também porque dão trabalho. Mas isso tudo está inserido em um horizonte mais amplo de transformação do conceito de cultura, que não mais é vista como algo do outro mundo, como uma promessa de transcendência – por mais falsa que possa ser –, pois a cultura converteu-se em uma forma de comportamento.

**EDUARDO GUERREIRO B. LOSSO** E, como você diz num texto, Fabio, o conceito de cultura virou uma nova espécie de mediação universal. Não há algo que não seja cultura, e há cultura de tudo.

**FAD** Exatamente. É a transformação de um conceito, digamos, quase metafísico, para um antropológico. Cada grupo tem a sua cultura própria e aí fica difícil pensar o “outro” da cultura. Tradicionalmente, ele era a barbárie, que se opunha à civilização. Mas hoje não parece mais estar disponível como conceito.

**EGL** Cultura sem seu oposto serve à propaganda perfeitamente.

**FAD** Sem dúvida. Tenho duas observações em relação a isso. Em primeiro lugar, é importante perceber que a cultura como transcendência tem culpa pelo seu desaparecimento, pois o que prometia era falso. A cultura não é apenas vítima. Por outro lado, é exasperante perceber como a crítica está cada vez mais próxima da propaganda. Como tudo hoje existe sob a forma de mercadoria (incluindo afetos e imagens, linhas melódicas e pensamentos), quando você só fica louvando um artefato, por mais interessante que ele seja, quando não há momento algum de negatividade, você vai se aproximar da propaganda. Uma objeção que se pode fazer aos estudos culturais é que, ao trazer a análise para objetos da cultura de massa (o universo da Disney, ou da Barbie), eles acabam contribuindo para as campanhas publicitárias desses produtos. Depois de ler certos artigos acadêmicos sobre literatura, tenho vontade de dizer para o autor: “Por que você não vai trabalhar na seção de marketing da editora que publicou esse livro?” Imagino que muitas vezes já o fazem...

**TA** É possível pensar o outro da cultura como algo “substancializável”, como, por exemplo, a Arte? Ou não se trata disso? Hoje em dia, em diversos meios, sobretudo nas intercessões que tenho na academia, Arte soa como um palavrão, como algo que é tabu, por parecer impor um limite às pretensões homogeneizadoras da cultura.

**EGL** Cultura se tornou o todo, o que está em toda parte e se encaixa na ideia de convivência de vozes diferentes; a arte, por sua vez, se tornou o opressor. Isto é, arte = cânone.

**FAD** Esse é um ponto importante. A oposição entre “Arte” e “cultura de massa” me parece totalmente equivocada, porque a forma como os conceitos estão dispostos já corresponde ao funcionamento da indústria cultural. É uma lógica de rôtu-

los, como se “Arte” e “cultura de massa” estivessem em uma locadora, do lado de “romance”, “comédia” ou “aventura”. Nem a “Arte” nem a “cultura de massa” têm a ver com isso. Em vez de categorias estanques, são *processos* que necessitam de interpretação. Só consigo dizer que algo é “literatura” *a posteriori*, a partir dos efeitos que gera.

Uma tarefa que me parece urgente para a crítica da cultura hoje é investigar como o vocabulário de que dispomos é espúrio. Há vários termos que por si sós já trazem um conteúdo que torna difícil o pensamento. Seria interessante fazer um glossário desses termos. “Clássico”, por exemplo, significa: aquilo que, seja por ser bom, seja por ser ruim, eu não vou interpretar, não vou adentrar. Já o “canônico” implica em construir uma imagem opressora da arte que no fundo é inexistente.

**EGL** Esses termos agindo em conjunto são, em si, uma rede aracnídea que prende o pensamento...

**TA** Rede aracnídea me lembrou o mito de Aracne, do clássico, canônico, de Ovídio *As Metamorfoses*... Ops! E o “sucesso”?

**FAD** “Sucesso” deveria significar: “esse artefato foi submetido à apreciação de muitos e foi aprovado”, mas na verdade quer dizer: “é melhor você se acostumar a gostar disso, do contrário você vai ficar excluído”. Mas essa rede de ofuscação, além de funcionar como uma língua franca, também tem as suas ramificações nos diversos setores da cultura. E aí os termos das artes plásticas diferem dos da música. Eu arriscaria dizer que, quanto mais próximo do mercado, quanto mais dinheiro estiver envolvido, mas tenazes serão esses termos.

**TA** Que papel desempenha especificamente o termo “clássico” na dinâmica econômica das trocas culturais?

**FAD** “Clássico”, quando não usado em um sentido técnico, como se referindo a um período ou estilo, significa: esse objeto está em uma prateleira, uma estante com porta de vidro, e vai ficar lá. Esse “ficar-na-estante-com-porta-de-vidro” pode ter um sentido positivo ou negativo. Pode ser positivo: “mirem as maravilhas da civilização ocidental!”; pode ser negativo: “vejam essas velharias todas”.

**EGL** Para os conservadores, positivo; para os multiculturalistas, negativo?

**FAD** Isso. Mas em ambos os casos, por definição, você não entra no objeto. Acho que o próprio uso da palavra já ocasiona isso. “Tradicional” também funciona mais ou menos assim, embora (interessante isso!) esteja caindo em desuso. As pessoas estão substituindo, sem notar, “tradicional” por “canônico”.

**TA** Você já observou um fenômeno meio *indie* que consiste em atribuir o termo “clássico” a fatos culturais de evidente pobreza ou (com o perdão da palavra) “tosqueza”? Uma espécie de *hype* neo-cafona que parece se pretender à construção de uma memória geracional? O “sucesso” dos anos 80 é o “clássico”?

**EGL** Isso me parece um fenômeno próprio do universo da música pop.

**TA** Louvar, subentendendo que são objetos toscos e que essa tosquice “nos representa”, contra quaisquer pretensões de alta cultura, ou de seriedade.

**EGL** *Embalos de sábado à noite* como um clássico.

**FAD** Bom, arriscando um pouco, eu diria que há aí uma mistura do “clássico” com uma lógica *camp*, porque a pessoa que diz que *Embalos de sábado à noite* é um clássico muito provavelmente está querendo chocar e não está se importando com a qualidade do filme. Há, aqui, possivelmente, um tal grau de imersão na indústria cultural, que a ideia do *camp*, do bom gosto sobre o mau gosto, torna-se praticamente inevitável.

**EGL** De qualquer forma, o que o Thiago parece colocar é que aí o clássico tosco quer combater o clássico refinado. É uma estratégia de reformulação do cânone.

**FAD** Exatamente. A dinâmica *camp* é justamente essa. “Sei que isso é o suprassumo do ruim, mas gosto disso justamente porque é o suprassumo do ruim.” Eu tive um aluno uma vez que escreveu uma dissertação sobre isso.<sup>74</sup> Uma das conclusões dele foi a de que haveria uma diferença muito grande entre o *camp* americano e o brega brasileiro. No primeiro caso, já haveria algo de problemático em crer que obras como *Pink Flamingos* são uma forma de transgressão, pois aquilo que pareceria ser um gesto de liberdade – a desfuncionalização por parte do receptor transformando o ruim em bom – rapidamente é incorporado ao próprio processo de produção, quando objetos são confeccionados para serem recebidos como *camp*. No Brasil, o *camp* apresenta um caráter de classe mais acentuado. Basta imaginar o público de um show do cantor Wando, onde podem se misturar espectadores imbuídos de genuína admiração e outros que gozam com a imagem de si mesmos vendo aquilo, ao acreditar que estão entre o seletor grupo que sabe que, na verdade, aquilo é ruim. Há algo bastante elitista aqui.

**EGL** Há aqui um impulso para a cultura de massa do passado, que a mitifica positivamente.

**TA** Eles entram *nesses* objetos e lá se refugiam.

**EGL** Entram no sentido de que os “cultuam”.

**TA** Legitimam seu não-crescimento tornando “clássico” aquilo que não demanda nenhum esforço, mas apenas uma adesão emocional.

**FAD** É interessante perceber que, nesse processo, há o simulacro de uma atividade do sujeito, como se ele estivesse, a partir do seu gosto (como falávamos antes), exercendo algum tipo de liberdade, quando de fato o que faz é eleger um item de um conjunto pré-fornecido. E essa lógica vale tanto para a cultura “erudita” quan-

74 Pedro Leite. *Adorno e Horkheimer contra Batman e Robin; ou, da estética camp como possibilidade de superação de alguma coisa*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Teoria e História Literária da Unicamp em 2011.

to para a “de massa”. Não importa se você escolhe o Batman ou o Bartók; se você só se relaciona com as coisas de fora, sem penetrar nelas, seguindo apenas a lógica da imagem que elas têm – e consequentemente da imagem que você tem de si –, não importa o objeto, pois a dinâmica é a mesma.

**EGL** E o objeto de culto tem valor moral, pois ele nos liberta da exigência opressora do clássico refinado. Assim como o funk nos liberta do peso da música clássica... O funk, hoje, nos liberta, assim como a *new wave* nos anos 80, e assim por diante.

**FAD** Pensando bem, o trabalho subjetivo concebido como a escolha de um objeto diferente é um fenômeno interessante, que está presente também na universidade. As pessoas passam a competir para escolher objetos que os outros não escolheram ainda. Pode ser o funk ou o abjeto, a pichação ou o testemunho, o objeto elegido permanece sempre extrínseco ao sujeito. Ele pode ser substituído a seu bel-prazer, mas não pode haver nada de ruim nele: não há espaço algum para a negatividade.

**EGL** Sim, mas há um dado a mais aí, acho. Ele tem um caráter moral libertador do domínio da cultura aristocrática do homem branco europeu ao longo dos séculos.

**FAD** Sem dúvida, mas isso não deixa de ser uma projeção da cultura aristocrática do homem branco no presente. 1. Porque quem vai estar enunciando possivelmente vai ser branco; 2. porque, como o negativo dessa cultura branca etc., ele a traz dentro de si; 3. porque o individualismo competitivo, que está na base dessa busca do outro da cultura branca etc., é resultado dessa própria cultura. Os termos todos vêm dela.

Para negar de fato a cultura branca, você teria que desenvolver alguma espécie de politeísmo e ter uma outra noção de subjetividade; sem contar que não poderia ir ao cinema, nem ver futebol etc. No fundo, a crítica ao ocidente baseia-se em uma divisão de trabalho: crítico quando escrevo, dou palestras etc., mas reclamo da Dilma e me queixo do salário como todo mundo.

**TA** Essa cultura branca estaria então lastreada em tudo aquilo que se identifica com uma tradição de cunho monoteísta, socrático-platônico? Ou tão somente com o protestantismo e o capitalismo? Não entendo bem, porque essa enunciação “cultura branca” me parece ser vaga o suficiente para endossar uma porção de truques.

**FAD** Concordo.

**TA** Shakespeare é o representante dessa cultura branca?

**FAD** Shakespeare é um caso interessante. Eu tenho uma hipótese: a de que ele não existe mais. Se você contrasta sua representação social e aquilo que acontece quando lemos seus textos, surge um abismo. As adaptações contribuem muito para isso. Quase sempre o que fazem é se aproveitar dos enredos, *que Shakespeare não escreveu*, pois ele os tomava de histórias já existentes, para lucrar com o nome do autor.

**TA** Pois é, porque em matéria de “multiplicidade” (estou citando de propósito), você não consegue encontrar um enunciador monolítico nos textos dele.

**FAD** Há várias razões históricas para isso, que incluem a consolidação do inglês culto e a formação da Inglaterra como nação, bem como o teatro elisabetano, que era frequentado por todas as classes sociais urbanas. Agora, o outro lado da multiplicidade é a imagem do bardo como uma figura digna da maior reverência, que é uma. Quantas vezes vocês já ouviram alguém dizer que *odeia* Shakespeare?

**TA** Uma prova da multiplicidade shakespeariana é que hoje ele é disputado por todas as correntes interpretativas.

**FAD** Sim, sem dúvida! E isso inclui aqueles que veem nele nada mais do que um instrumento do Império Inglês do século XIX e que agora teria sido apropriado pelos EUA. Pensando bem, essa abordagem não seria tão desinteressante se ela não envolvesse sempre o louvor de alguma forma de alteridade, seja a literatura das minorias, dos excluídos, ou dos sujeitos pós-coloniais. Porque se você faz essa abstração absurda do Shakespeare para simples veículo de poder e ao mesmo tempo sustenta que *tudo* é uma porcaria, que nada se salva, até que fica interessante.

**TA** Mas aí seria difícil alguém permanecer no âmbito da cultura fazendo isso, não?

**FAD** Talvez não...

**TA** Seria mais provável que fosse uma mirada cosmológica, mística.

**FAD** Acho que é possível destruir a cultura de dentro, de maneira que ela fique mais interessante. Veja, por exemplo, o ódio que as vanguardas têm à arte. Talvez o que salve a cultura seja a sua capacidade de odiar a si mesma.

**TA** Sim, claro! Deixe-me explicar: eu tinha compreendido mal o modo como você usou o termo “interessante”. Onde você escreveu “interessante, eu li como “verdadeiro”. Incontinências morais de um essencialista incorrigível, perdão...

**FAD** Sem problema! Mas uma coisa que de qualquer modo pode ser observada aqui é a ausência, na crítica cultural hoje, da rabugice e da raiva. Tudo é maravilhoso e lindo. Os críticos estão sempre de bom humor; os escritores também.

**TA** Chegou-se a dizer que somos a geração “pós-rancor”. Todo mundo é bom.

**FAD** Isso. Um jeito de dizer a mesma coisa é chamar a atenção para como a contradição foi substituída pela diferença. E, no entanto, a raiva é um afeto bastante produtivo.

**EGL** Que o digam Marx e Adorno...

**FAD** Diferentemente do ódio, a raiva não subjetiva o sujeito, não está acima dele. Ela tem que ser específica: você tem raiva de “algo”, e aí já há uma semente analítica. Por outro lado, ela implicitamente lida com um horizonte normativo, ou seja, que as coisas não deviam ser do jeito que são.

**TA** Identificou-se raiva à inveja e à inação.



**FAD** Acho que há diferenças. A inveja é um reconhecimento de impotência, e quase que por definição estéril; a raiva é um afeto que pode ser estilizado. É como se fosse um princípio composicional. Sempre penso nisso quando leio o Robert Hullet-Kentor, que, ao mesmo tempo, é bem engraçado.

**TA** “É carregar bagagem alheia estando vazio.”

**EGL** Quem tem raiva hoje, é visto como rancoroso. Incapaz de aceitar a positividade absoluta da multiplicidade... as maravilhas da atualidade.

**FAD** Precisamente. O rancor é um afeto que vem com a derrota. De novo, acho que a raiva pode ser produtiva por ser específica e determinada. Talvez ela seja o jeito mais certo de se chegar à determinação dos objetos em um mundo regido pelo princípio de troca.

**EGL** Isso que você está dizendo é perfeitamente ilustrado pela forma de escrever e pensar de Marx e de Adorno...

**FAD** Sim, sem dúvida! (Embora não seja possível dizer isso, diante da indústria do Marx e do Adorno.)

**TA** Você observa um ardil nesse deslocamento que insidiosamente se fez do sentido da raiva ao se colocá-la como sinônimo de rancor?

**FAD** Não sei se ardil, porque o ardil pressupõe intenção e inteligência, ao passo que a raiva não deixa de ser um modo de fazer o mundo ficar mais suportável. Mas, seja como for, trata-se de uma estratégia de neutralização. Agora, dando uma volta no parafuso, é interessante perceber que a imagem do crítico mal-humorado e irado é absolutamente tradicional. Ele não é uma figura de vanguarda; pelo contrário, é típica, quase folclórica, e no entanto não existe mais.

**TA** Não sei se não existe mais ou se ela se tornou absolutamente obscena.

**FAD** Para repetir: o crítico que só caracteriza positivamente aquilo que comenta acaba fazendo propaganda do objeto. Pessoas que não têm vergonha de dizer “isso não presta”, como a Bárbara Heliadora ou o Alcir Pécora, estão desaparecendo. A não ser, talvez, na direita radical... Em certo sentido, a direita se apropriou da revolta na crítica da cultura.

**TA** Eu queria fazer uma pergunta sobre isso. Como este livro deve primar pela conversa franca e pela democracia, não vou me esquivar a fazer uma pergunta, que não tenho como provocativa, mas que talvez tenha certo teor de nitroglicerina. Um dos modos de operação do marketing partidário nas sociedades de massas tem sido, independentemente das tendências ideológicas que se revezam (ou não) no poder, divulgar o aumento quantitativo do consumo de bens culturais como índice de avanço cultural propriamente dito. Sabemos, no entanto, que conceitos intrínsecos à vida cultural (aprofundamento, concentração etc.) não são mensuráveis em estatísticas. Tendo isso em vista, será que ainda pode causar perplexidade que certos pensadores de matriz mais progressista e outros de matriz mais con-

servadora possam chegar, por vias diferentes, a conclusões muito semelhantes sobre o que, na falta de melhor termo, poderíamos chamar de “decadência cultural”?

**FAD** Você tem toda a razão. Não é surpreendente que haja contato entre um pensamento conservador sério e um progressista. “Decadência” é um termo complicado, porque traz à mente os *good old days*, que na realidade nunca existiram, mas a insatisfação em relação à cultura pode ser bem parecida em seus sintomas, embora com motivações diferentes. O conservador sério está insatisfeito com a cultura diante daquilo que ele acha que ela foi. Por isso ele pode falar, sim, de decadência cultural, de quando você podia ouvir um concerto com calma, sem os celulares tocarem, e podia tomar um champanhe no intervalo vendido por um empregado negro. Para o progressista, creio, o desespero em relação à cultura reside no vislumbre daquilo que ela é em comparação com o que ela poderia ser, não como algo normativo, mas a partir do que já está imanentemente presente nela.

**TA** Mas se damos por subentendido que no conservadorismo está subentendido o racismo e o farisaísmo, porque não podemos também subentender que no progressismo está subentendido o cinismo igualitarista e o hedonismo vazio? Falo isso apenas por me sentir constantemente disputado por ideias progressistas e outras conservadoras.

**FAD** O cinismo igualitarista e o hedonismo desenfreado e vazio não são progressistas, porque são o ar que respiramos. Eles são aquilo que acontece quando não fazemos nada. São uma espécie de gravidade cultural. Eles são aquilo que se dá quando (de novo!) o crítico louva simplesmente os objetos. Existe um tipo de crítica bem intencionada que é tão ou mais nociva que a dos conservadores – que, nesse sentido, não querem conservar nada, mas voltar ao passado, que quase sempre idealizam. A crítica bem intencionada e boazinha – ela que é conservadora, porque deixa tudo como está. Quer um exemplo? Toda a crítica à ditadura militar que lida com ela sem traçar nenhuma linha de continuidade com o presente. Ou a crítica ao nazismo e a Auschwitz, que lida com eles sem traçar nenhuma linha de continuidade com o presente e o capitalismo. A lógica subjacente seria a seguinte: 1. você demonstra como o passado era terrível (e aqui você pode mobilizar todo o seu poder de *scholar* e pesquisar o quanto quiser); 2. você aparece como uma pessoa moralmente boa, um crítico que é contra a tortura e a favor da igualdade etc.; 3. mas como você não fala nada da tortura que está acontecendo hoje, como você não toma partido e não nomeia nomes, você reforça o *status quo*, porque parece, performativamente, que o mundo está ótimo.

**EGL** Eu sempre tive essa impressão dos estudos sobre holocausto.

**TA** Apenas acrescentaria que uma crítica “bem intencionada” análoga a essa também pode se desenvolver no seio de uma esquerda que identifica e reconhece os

males do totalitarismo stalinista ou maoísta, por exemplo, mas permanece espalhando um ideário que foi o mesmo que nutriu aqueles genocídios.

**FAD** Não sei se é uma questão do ideário, porque, se você for ver, os ideários são bem próximos, por exemplo, entre o marxismo e o cristianismo – como é bem conhecido. Mas eu concordo que o equivalente dessa lógica no âmbito do marxismo acontece na falta de uma crítica aprofundada de como a União Soviética virou o que virou. Há, sem dúvida, muitos marxistas que arrumam desculpas, que não querem ver o que aconteceu, embora já desde os anos 30 tenha havido uma dissidência anti-stalinista entre os marxistas que custou muitas vidas. (Tem um depoimento muito bonito do meu avô sobre isso.<sup>75</sup>)

**EGL** Ao longo de sua produção, tenho percebido que você explora bastante os problemas da construção de um senso comum universitário. E não é um campo fácil de pensar, porque ora parece que o alvo são os grandes teóricos, mas não são; ora parece que são os alunos, que estão em processo de aprendizagem, digo, alunos de graduação e pós-graduação... Mas não é uma coisa nem outra.

**FAD** É verdade. Eu tento fazer as duas coisas: por um lado, acho que é importante criticar os grandes críticos, embora isso seja uma coisa difícil. O que quase todos nós fazemos é comentar, explicar esses grandes pensadores. O exemplo mais extremo disso ocorreu quando vi um filósofo brasileiro comentando o livro do Vilém Flusser sobre o Brasil como se estivesse interpretando Kant. Ou seja, o fato de ser brasileiro, de estar numa posição de aparente superioridade, não serviu de nada. Por outro lado, tento criticar o senso comum da área, o que não é uma coisa fácil, porque ela é bem difusa, mas então a própria condição de possibilidade do difuso deve ser pensada.

**EGL** É difícil delimitar a constituição e as fronteiras desse “campo”, do campo desse objeto.

**FAD** O discurso da multiplicidade me pareceu uma chave para isso.<sup>76</sup>

**EGL** Você observa como as pessoas não entram no objeto, e faz dessa indiferença inconsciente ao objeto o seu próprio objeto, não é?

**FAD** Você formulou melhor do que está no texto.

**EGL** Você examina como os conceitos saem da teoria e entram nesse lugar difuso.

**FAD** Há conceitos que se prestam mais a isso. Os do Bakhtin são um exemplo perfeito. Costumo dizer que a definição de texto monológico é: “aquele que não estou analisando no momento”...

75 Ricardo de Azevedo e Flamarion Maués (orgs.) *Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 1997, pp. 281-298.

76 “Para uma crítica da multiplicidade nos Estudos Literários”. *Via Atlântica* (USP), v. 23, 2013, pp. 75-83.

**EGL** Aí aparecem conceitos como multiplicidade, cultura, cânone, texto etc. O que conversamos até aqui, contudo, foi como o uso dessas categorias, ou da ideologia que as atravessa em geral, contamina meios exteriores à universidade. Quer dizer, trata-se de observar como a universidade influencia ou é influenciada pelo seu fora, ou como há uma rica interação entre o senso comum universitário e o senso comum dos meios culturais e políticos. Bem, você delimita sua análise à esfera da universidade, interna aos campi. Mas você não acha que seu diagnóstico ajuda a entender a própria influência que a universidade exerce na sociedade, especialmente em meios culturais e políticos? E que, nesse caso, os efeitos perniciosos que você aponta levam a consequências ainda maiores que as que se veem no âmbito acadêmico? Acho que exploramos já alguma coisa disso aqui. Mas queria que desenvolvesse melhor esse fator estrutural.

**TA** Essa espécie de inter-relação entre senso comum universitário e um caldo cultural mais amplo me leva a fazer uma pergunta que eu queria que fosse a primeira a ser lançada ao Fabio. Acho que seria interessante se ele narrasse o que veio antes em seu percurso intelectual: a percepção de que a pulverização da cultura em nichos camufla uma descomunal padronização; ou a análoga percepção, em campo universitário, de que certos conceitos mal definidos intelectualmente (como multiplicidade e pluralidade) estavam sendo adotados como simulacros de valores epistemológicos?

**FAD** A formulação da pergunta está ótima, o que só faz com que seja mais difícil de responder. Acho que vou sair pela tangente aqui e dizer que as duas coisas estão bastante ligadas. A lógica da compartimentalização da cultura também está presente na universidade, por exemplo, no modo como ensinamos teoria literária, com cada “escola” ou “movimento” separado em uma gaveta própria, estruturalismo, semiótica, psicanálise, feminismo, desconstrução, estudos pós-coloniais etc. Por outro lado, a multiplicidade e a pluralidade (mas também a democracia!) como conceitos-gelatina, termos que acabam não significando nada, também estão presentes na vida social em sentido amplo – é prestar atenção nas campanhas eleitorais. A mesma poluição que faz o trabalho intelectual ficar tão difícil afeta igualmente os partidos políticos que realmente têm, em seu horizonte, a igualdade. Uma conclusão curiosa dessa nossa conversa toda é a de que, ao contrário do que geralmente pensamos, a universidade não é essa torre de marfim, não está tão isolada do mundo que a cerca – o que não é necessariamente bom...